



“Deslocamentos pela margem”: o funcionamento da memória e os efeitos de sentidos produzidos no/pelo museu paranaense sobre as mulheres

Josiele Zevierzecoski¹

Maria Cleci Venturini²

Marilda Aparecida Lachovski³

RESUMO: O museu, pelo senso comum, é significado como um lugar que abriga o passado por memórias que regulam o presente. Entretanto, na perspectiva da Análise de Discurso entendemos o museu como lugar do funcionamento da memória discursiva, esta que não é a lembrança social, nem psicológica, mas que produz efeitos de sentidos e ressoa no presente e, por isso, significa a cidade e os sujeitos inscritos nesse espaço. A partir disso, elegemos o Museu Paranaense para compreender como este lugar de memória constitui sentidos sobre o sujeito-mulher no espaço urbano. Tomamos como observatório a exposição “Nosso estado: Vento e/em Movimento” que abarca a mesa redonda intitulada “Deslocamentos pela margem”. Essa amostra faz parte das comemorações do dia internacional da mulher. Trata-se de uma exposição das mulheres membros da Associação das Mulheres Produtoras de Cataia da Barra de Ararapira (Guaraqueçaba). A questão a ser respondida é: como o sujeito mulher é constituído e significado, pelo funcionamento da memória, pelo/no Museu no espaço urbano?

PALAVRAS

-CHAVE:

discurso;
memória;
museu;
mulheres.

¹ Mestranda no PPGL da Universidade Estadual do Centro-Oeste- UNICENTRO, orientada pela Professora Doutora Maria Cleci Venturini, e graduada em Letras Português pela UNICENTRO. Bolsista CAPES. E-mail: josiele2711@gmail.com

² Doutora em Letras, UFSM. Professora associada da Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná - UNICENTRO. E-mail: mariaclavicenturini@gmail.com

³ Doutora em Letras, UFSM. Estágio pós-doutoral em andamento, sob supervisão de Maria Cleci Venturini. (UNICENTRO/PR) Bolsista CAPES. E-mail: lachovskimarilda@gmail.com

1 Introdução

Os museus relacionam-se sempre com o tempo, seja com o presente, seja com o passado ou com o futuro que ele reclama, constituindo o museu em (dis)curso, como movimento marcado pela história, pela memória. (VENTURINI, 2020, p. 21)

A epígrafe acima sinaliza, conforme Venturini (2009) que o espaço museológico não comporta em seu acervo, somente registros de um passado que não existe mais, que estaria cristalizado e disposto à mera observação de um dado acontecimento. Ainda de acordo com a mesma autora, pelo viés discursivo, o museu é (dis)curso, pelo engendramento da dimensão temporal em que se imbricam os tempos (passado, presente e futuro), tal como mobilizada por Catroga (2001) e pela linguagem que, inscrita na história, produz discursos e efeitos de sentidos em redes de memória. Para tratar de redes de memória, trazemos Pêcheux (1999, p. 50), e destacamos a memória discursiva relevante para pensar o (dis)curso, a língua em movimento (Orlandi, 2002). Para o fundador da Análise de Discurso, a memória discursiva não se define pelo sujeito individual, pelo sujeito interpelado pela ideologia e atravessado pelo inconsciente (Pêcheux, 1997). A memória funciona “nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída pelo historiador.” Ainda de acordo com Pêcheux (1997) a memória discursiva fala antes, em outro espaço de dizer, de modo que a linguagem tem sentido quando inscrita nas práticas sociais, na história.

A partir de Venturini (2009, p. 71- 72), assumimos que o museu se constitui como *lugar de memória*, que “pode ser definido como um depósito de arquivos, que aparentemente guardam vestígios históricos de memórias que não existem mais e que, por isso, necessitam de um lugar para lembrá-los”. Os “vestígios históricos de memórias”, no museu, são materializados nas exposições e arquivos que o compõem e produzem “efeitos de verdade, dados pela legitimação e sustentação institucional” (VENTURINI, 2009, p. 71).

É nessa conjuntura, que o museu se movimenta e se significa discursivamente, mas, também, significa os sujeitos além das paredes museológicas. Orlandi (2011, p. 694) nos ensina que “o modo como se dispõe o espaço é uma maneira de configurar sujeitos em suas relações, em suma, de significá-los.” Esse espaço não é vazio, pois é “espaço de interpretação, tem sua materialidade em que se confrontam o político e o simbólico.” (ORLANDI, 2011, p. 695), uma vez que existe uma relação mútua entre cidade e sujeitos: um se constitui na dependência do outro, na formulação e constituição dos sentidos, não sendo possível conceber um sem o outro (Orlandi, 2011).

Diante disso, propomos, neste trabalho, refletir como o museu, enquanto espaço simbólico, produz efeitos de sentidos, significando os sujeitos a partir de gestos de interpretação. Para isso, filiamo-nos aos estudos da Análise de Discurso

pecheutiana e nos trabalhos da propulsora dessa teoria, no Brasil, Eni Orlandi, bem como outros pesquisadores que têm se dedicado aos estudos discursivos.

Para nossas reflexões tomamos como ponto de partida o Museu Paranaense (MUPA), localizado em Curitiba, PR. Segundo o *site*⁴ que o abriga, a instituição foi inaugurada em 25/09/1876 pelo juiz paranaguense Agostinho Ermelino de Leão e o médico baiano José Cândido da Silva Murici. No início, a instituição era particular, entretanto, já contava com o apoio do Governo do Paraná, e, em 1882, passou a ser totalmente gerenciada pelo Estado.

O MUPA se constitui como grande arquivo, abarcando diferentes temáticas, e todos os anos, em março, mês em que se comemora o Dia Internacional da Mulher, esse espaço promove exposições sobre o sujeito mulher. No ano de 2023, a exposição “Nosso Estado: Vento e/em movimento”, que trata de diferentes temas em distintos períodos, promoveu, em março, a mesa redonda intitulada “Deslocamentos pela margem”, cuja temática versou sobre as mulheres que fazem parte da “Associação das Mulheres Produtoras de Cataia da Barra de Ararapira (Guaraqueçaba)”.

Do grande arquivo, em tela, fizemos recortes acerca do que do que é dito no e pelo museu, no mês comemorativo da mulher, acerca do grupo de mulheres. Vale sublinhar que o Museu Paranaense pertence ao Governo do Estado do Paraná, e esse órgão constrói políticas públicas voltadas para mulheres e as oficializa em documentos, portanto, há uma legitimação dos dizeres produzindo efeitos de verdade e, assim, significa os sujeitos para além do seu espaço material. Por essa via, compreendemos o MUPA como práticas de significação, lugar que produz sentidos que significam a si, a cidade e os sujeitos, uma vez que “somos individuados pelo Estado através de instituições e discursos.” (Orlandi, 2004, p. 2).

A partir disso, a questão que move nossa escrita é: como o sujeito mulher é constituído e significado, pelo funcionamento da memória, no/pelo museu no espaço urbano? Na relação indissociável entre espaço urbano, museu e sujeito, linguagem e história na constituição dos sentidos, bordeamos possíveis contornos, ancoradas na Análise de Discurso, sobre o modo como o Museu Paranaense (re)produz sentidos sobre as mulheres pelo que se repete, esquecendo a história do silenciamento, opressão e apagamento desses sujeitos na história, movimentando a memória. Destacamos que os esquecimentos, conforme Pêcheux (1997), são dois: o esquecimento no. 01 (relacionado à ideologia) e esquecimento 02 (relacionado à enunciação). O esquecimento nº 1 “dá conta do fato de que o sujeito-falante não pode, por definição, se encontrar no exterior da formação discursiva que o domina” (Pêcheux, 1997, p. 173). Esse esquecimento relaciona-se ao inconsciente e constitui a ilusão para o sujeito de que ele é a fonte do dizer, apagando, de certa forma, a sua

⁴ Apresentação do Museu Paranaense. Disponível em: [Apresentação | Museu Paranaense](#). Acesso em: 30 mar. 2023.

inscrição em uma FD. Já no esquecimento nº 2, há o apagamento da memória e dos processos parafrásticos, pois o sujeito tem a ilusão que o dizer e o sentido só podem ser um (Pêcheux, 1997).

Para isso, compreendemos a memória discursiva a partir de Venturini (2009) que, amparada em Pêcheux (1999) e Courtine (1981), elaborou as noções de discurso de (rememoração - eixo paradigmático) e discurso sobre (comemoração- eixo sintagmático), sinalizando que a rememoração “ancora o dizer sintagmatizado como memória e como discurso fundante.” (VENTURINI, 2009, p. 82). Pelo funcionamento da memória, revisitamos o que já foi dito sobre as mulheres na história, para entender a (re)significação desses sujeitos que se constituem e são constituídos no/pelo museu.

Em conformidade com Venturini (2009), ao eleger determinados temas e constituir o arquivo, o museu apaga outros, porém, pelo funcionamento da memória esse apagamento, também produz sentidos. Dessa forma, o MUPA não significa o sujeito mulher só por aquilo que é dado a ver, que está linearizado no dizer, mas, principalmente, pelos apagamentos e esquecimentos que atravessam o que é dito. Por essa entrada, a seguir, nos dedicamos a uma breve descrição do referido museu, relacionando-o à noção de arquivo. Na sequência, considerando nosso recorte, constituímos nosso gesto de análise, com vistas à reflexão em torno do funcionamento da memória e da (re)produção de sentidos sobre as mulheres paranaenses, no e pelo museu.

2 O Museu Paranaense em (dis) curso

Ao eleger o Museu Paranaense como mote para nossas reflexões acerca das mulheres, o compreendemos em (dis)curso no espaço urbano, que se constitui pela/na linguagem em movimento, uma vez que o discurso é um “efeito de sentidos entre os pontos A e B”, (PÊCHEUX, 2019, p. 39), é o “efeito de sentidos entre locutores” (ORLANDI, 2005, p. 21). Venturini (2020, p. 22), ancorada em Pêcheux e Orlandi, sustenta que “o discurso comporta a palavra em movimento.” Nesse sentido, o museu está em (dis)curso em uma relação intrínseca com o “tempo, a história e a memória [...] em curso/percurso, constituindo-se material e concretamente por uma história de ‘nunca acabar.’” (VENTURINI, 2020, p. 22).

Diante disso, pode-se considerar que os arquivos datados dos séculos XVII, XVIII e XIX, além de dez mil fotografias, constituídos e disponibilizados no espaço físico e digital, pelo Museu Paranaense (um dos mais antigos em funcionamento no Brasil), não é fechado, mas constituído em relação a outros arquivos, discursos, memórias e histórias, haja vista que não se trata, em AD, do arquivo como um aglomerado de documentos, (PÊCHEUX, 2014), também, “não é um simples documento do qual são retirados os referentes; ele permite uma leitura que revela dispositivos, configurações significantes” (GUILHAUMOU, MALDIDIER, ROBIN, 2016, p. 116), mas de uma

organização, selecionada e regulada, por um efeito de unidade, e que demanda possibilidades de “escolha”, também efeito, já que o sujeito tem a ilusão do controle dos sentidos e dos discursos.

Desse modo, mesmo que um arquivo seja selecionado e regulado pelo sujeito curador do MUPA, “a interpretação e a leitura dele podem ser outras, uma vez que ele (o arquivo) se faz na e pela língua, em sua heterogeneidade que lhe é constitutiva.” (Lachovski, Pereira, Prado, 2022, p. 57). Portanto, o arquivo não é fechado, mas atravessado por outros dizeres, é, portanto, constituído no atravessamento da língua inscrita na história.

Na construção desse acervo, inúmeros eventos históricos, sujeitos e memórias, sobre o Paraná, são dados a ver por meio do MUPA, que mescla em seu espaço exposições fixas e temporárias, tendo as chamadas para as exposições disponíveis no site do museu. A partir dessas chamadas constituímos nosso arquivo, considerando-o em sua relação com outros arquivos pelos já-ditos, por outros saberes e pela memória discursiva.

Isto posto, em março, mês dedicado às mulheres, o MUPA cedeu um espaço ao sujeito mulher trabalhadora, que incluiu as bordadeiras e as mulheres produtoras de cataia, estas que constituem nosso recorte analítico, na exposição intitulada “Nosso Estado: Vento e/em Movimento” que abarcou a mesa redonda “Deslocamentos pela margem.” Essas mulheres são caiçaras que trabalham desde a produção até a comercialização de uma cachaça e foram discursivizadas como “empreendedoras” e ganharam um lugar de destaque no museu como “protagonistas de suas falas”. Esses sentidos não são constituídos pela intenção do sujeito-curador e organizador do museu, isso porque há o atravessamento do ideológico e do inconsciente na formação do sujeito, assim, o que é dito só terá sentido pela identificação, inscrição e posição que o sujeito ocupa em uma dada formação discursiva (FD) e não em outra, conforme Orlandi (2005).

Como o MUPA é gerenciado pelo Governo Estado do Paraná, o que é mostrado ou silenciado, inscreve-se na formação discursiva constituída pelo saber político, uma vez que a FD é “numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada, em uma conjuntura sócio-histórica dada determina, isto é, a partir de uma posição, numa conjuntura dada determinada pelo estado da luta de classe determina o que pode e deve ser dito [...]” Na FD política, as mulheres são amparadas por políticas públicas produzidas pelo Governo do Estado do Paraná, o qual garante os direitos dos sujeitos femininos possibilitando que elas sejam protagonistas de suas histórias. A título de exemplo, as mulheres podem contar com o *Portal Ame*⁵ que foi criado para:

As mulheres paranaenses, com o objetivo de centralizar serviços e informações que possam orientá-las de forma mais simples e

⁵ Disponível em: O Portal da Mulher Paranaense (amese.pr.gov.br). Acesso em: 19 out. 2023.

descomplicada nas áreas de saúde, segurança, empreendedorismo, assistência social, capacitação, cidadania, pautas femininas e muito mais.

Objetivos:

- Fomentar políticas públicas voltadas ao público feminino.
- Centralizar serviços e ações voltados a mulheres.
- Informar sobre direitos e saúde.
- Motivar conquistas pessoais e realização profissional.
- Divulgar cursos, capacitações e linhas de crédito.
- Incentivar a promoção do bem-estar da mulher.

Essas políticas ressoam no MUPA pelo espaço que a instituição abre para o sujeito mulher mostrar seu trabalho, opondo-se àquilo que já foi dito sobre elas em uma história constituída pela/na sociedade, em outras FDs e que produz pelo confronto sentidos na atualidade do dizer. Por outro lado, na FD religiosa, o imaginário sobre a mulher, por muito tempo, foi projetado, de acordo com Beauvoir (1970), pela figura de Eva, a mulher que incitou Adão a pecar. Como figura da tentação encarnada dos prazeres mundanos, ela é comparada ao próprio demônio, “todos os Padres da Igreja insistem no fato de que ela conduziu Adão ao pecado [...] És a parte do diabo.” (Beauvoir, 1970, p. 210-211).

Nesse sentido, a instituição religiosa foi uma das principais colaboradoras na constituição de um imaginário maligno sobre a mulher, o que produziu efeitos de sentidos de subalternidade delas em relação ao homem na história, pois as mulheres, apenas, por serem mulheres estavam diretamente ligadas à imagem da tentação pelo (re)produção da imagem de Eva. Pelos discursos da Igreja, há uma construção da imagem que produz um efeito de inferioridade do sujeito mulher em detrimento ao homem:

São Paulo exige das mulheres discrição e modéstia; baseia, no Antigo e no Novo Testamento, o princípio da subordinação da mulher ao homem. ‘O homem não foi tirado da mulher e sim a mulher do homem; e o homem não foi criado para a mulher e sim está para o homem.’ (Beauvoir, 1970, p. 118).

Ressoa, portanto, que a mulher foi criada para suprir a solidão, a carência e as necessidades do homem, e ela deveria atuar como figurante desse sujeito, bem como da sociedade. Como segundo plano, elas foram colocadas em silêncio significando a sujeição delas ao homem. Esses saberes foram (re)produzidos e disseminados, na história, em diversos lugares e sociedades, por sujeitos que se identificavam com Formação Discursiva (FD) religiosa. Já na FD médica, em consonância com (Del Priore, 2022, p. 82), no período colonial, o saber sobre o corpo das mulheres estava, especificamente, relacionado à “reprodução. Os documentos da época (tratados, manuais, receituários) revelam o

enorme interesse pela *madre*.” A *madre* é o nome dado ao útero, e os médicos visavam observar a maneira como ele funcionava, mas, vale destacar, que o interesse dos médicos pelo útero era, somente, ao que dizia respeito à procriação. (Del Priore, 2022).

A compreensão de mulher para os médicos limitava-se a um ser que foi produzido por Deus cuja função era a servidão da procriação “como a pluma do poeta ou a espada do guerreiro, ela só um instrumento passivo do qual se dono se servia” (Del Priore, 2022, p. 83), ou seja, as mulheres eram determinadas, pela medicina, como um mero objeto manuseável que tinha uma função limitada, a reprodução. Partindo disso, a exterioridade, ou seja, as condições de produção do discurso são fundamentais na constituição dos sentidos, pois, como nos ensina Orlandi (2005, p. 30), as condições de produção abarcam a situação, o sujeito e a memória, no sentido estrito, momento da formulação do discurso, da enunciação, que, no MUPA, é março de 2023, e, no sentido amplo, que diz respeito ao contexto histórico-social, que, em nosso recorte, é aquilo que já foi dito sobre as mulheres e significa no dizer atual pelo funcionamento da memória discursiva.

Segundo Orlandi (2005, p. 31), a memória é constituída e se refere “ao saber discursivo que torna possível todo dizer sobre a forma do pré-construído, o já dito que está na base no dizível, sustentando cada tomada de palavra.” Desse modo, para que uma palavra tenha sentido é necessário que ela signifique antes, em outro lugar, em determinadas condições de produção. Para Pêcheux, a memória discursiva seria:

[...] em face de um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os ‘implícitos’ (quer dizer mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos transversos, etc) de que sua leitura necessita: a condição do legível no próprio legível. (Pêcheux, 1999, p. 52).

A memória discursiva se constitui e funciona por aquilo que já foi proferido - pré-construídos e discursos transversos - como já apontamos anteriormente, principalmente pelo atravessamento do religioso, que retorna preenchendo as lacunas do que é enunciado na atualidade, produzindo efeitos de sentidos no intradiscorso. De acordo com Venturini (2009), a noção de memória formulada por Pêcheux (1999) é retomada por Courtine (1981),

[...] que a relaciona ao seu funcionamento em redes, as quais instauram as repetições no eixo da formulação. A materialidade das repetições constitui-se de uma memória que atualiza os sentidos. Nestes termos, o autor refere-se à existência histórica de enunciados que retornam como acontecimentos discursivos e que se legitimam discursivamente pelos acontecimentos históricos. (Venturini, 2009, p. 98).

Para Courtine (1999), o eixo da formulação é o horizontal - intradiscorso - a enunciação, o discurso; já o eixo vertical - interdiscorso - é a memória que

atravessa, atualiza o primeiro eixo. Amparada em Pêcheux (1999) e Courtine (1981), Venturini (2009), propôs pensar o funcionamento da memória pelo discurso *de* (rememoração), que está no eixo paradigmático, e discurso *sobre* (comemoração), eixo sintagmático. Esses dois eixos se entrelaçam: a rememoração, considerada como o interdiscurso, o já-dito produzido por aquilo que se repete pelos processos parafrásticos, e a comemoração que está na linearidade do dizer, no intradiscurso, instaurando a possibilidade do novo pelos processos polissêmicos.

O discurso *de*, conforme Venturini (2009), funciona como memória e pode ter relação com o discurso fundador, que sustenta o dizer pela repetibilidade. Com isso, os dizeres se institucionalizam pelo que se repete a partir de redes de memória e de sentidos. O discurso *sobre* ocorre como formulação - a atualidade - diz respeito ao que é da ordem do mais consciente a partir de um sujeito que se responsabiliza pelo dizer. Nesse sentido, vale salientar que, no discurso, o discurso *de* e o discurso *sobre* funcionam juntos, necessitando considerar que o discurso *de*, não só sustenta, ancora e legitima o dizer no eixo da formulação, preenchendo furos e atualizando memórias, mas também faz parte da textualidade, constituindo relação intrínseca pela memória discursiva. Portanto, a rememoração e comemoração são indissociáveis, produzem materialidade de sentido, pois se trata de memória e de atualidade. Assim, em conformidade com Venturini (2009, p. 82)

Enfocamos a rememoração/comemoração como duas noções que funcionam juntas, a partir do interdiscurso, no qual a memória (rememoração) se encontra com a atualidade (comemoração) como um efeito do interdiscurso sobre si mesmo. Nesse funcionamento, o sujeito “esquece” que não é fonte do dizer e que seu dizer significa antes em uma memória, que é anterior e se funda na história e na memória, na aceção da história e do discurso.

Em nosso *corpus*, o discurso *de* (a história das mulheres) sustenta o discurso *sobre* (o dizer atual), produzindo efeitos de sentidos pelo funcionamento da memória, porque aquilo que é dito sobre as mulheres só tem sentido, justamente, por dizeres anteriores produzidos na história, esta que, pelo viés discursivo, não é a História enquanto disciplina, datada, linear e petrificada, mas, sim, é a que produz historicidade instaurando efeitos de sentidos pelas redes de memória e discursos outros. Ancorada em Veyne (1988), Venturini (2020, p. 22) afirma que, a partir do funcionamento da rememoração e da comemoração, a “memória e história se aproximam, pois não comportam somente o acontecimento, mas também o que ainda se pode saber/dizer dele.” A memória discursiva pelo seu funcionamento, não é fechada, pode constituir a repetibilidade/regularidade de sentidos no fio do discurso, mas, também, pode ocorrer um rompimento com o que foi dito, possibilitando a abertura para novos dizeres, para sentidos outros.

Nessa formulação, o que é dito sobre as mulheres no MUPA, só tem sentido pelo funcionamento da memória discursiva, pelo que já foi dito e que pode se romper ou repetir. Sublinhamos que a história da/sobre as mulheres, foi construída por discursos misóginos de uma sociedade patriarcal, pelas instituições de ordem familiar, política, midiática e religiosa. Essas instituições, apesar de serem distintas, quando se tratava das mulheres, filiavam-se a uma mesma FD a partir de um saber constituído pelo machismo, produzindo efeitos de uma regularidade no discurso: o privado designado a elas, e o público, a eles.

Pedro (2004) destaca que nas capitais do Sul do Brasil, no final do século XIX e início do XX, os discursos literários e jornalísticos produziram um ideal de mulher que deveria “figurar no interior de uma família renovada” (p. 264), logo, produz efeitos de sentidos de que cabe à mulher a manutenção da família, como sendo ela a responsável pelo lar, fazendo ressoar a sua “função” de mãe e cuidadora, portanto, sendo significadas sempre em relação a algo ou alguém: lar, marido e filhos, de acordo com Pedro (2004). Essa exaltação mascarava a domesticação e dominação da mulher pelas instituições.

Além disso, ainda no século XIX, os jornais ditavam o comportamento que as mulheres deveriam ter, existia um modelo ideal a ser seguido. Conforme Pedro (2004, p. 237- 238), o *Jornal do Comércio* (1888), que circulava em Santa Catarina, criou e veiculou os dez mandamentos da mulher, o qual, numa relação com o religioso (a passagem bíblica dos dez mandamentos), estabelece as seguintes condições:

- 1º- Amai o vosso marido.
- 2º- Não lhes jureis falso.
- 3º- Preparai-lhe dias de festa.
- 4º- Amai-o mais do que a vosso pai e a vossa mãe.
- 5º- Não o atormenteis com exigências, caprichos e amuos.
- 6º- Não o enganeis.
- 7º- Não lhe subtraiais dinheiro, nem gasteis este com futilidades.
- 8º- Não resmungueis, nem finjas ataques nervosos.
- 9º- Não desejeis mais do que um próximo e que este seja teu marido.
- 10º- Não exijais luxo e não vos detenhais diante das vitrines.

Esses discursos significam pelo não-dito e pelo dito (os dez mandamentos da mulher), especialmente advindos do domínio do religioso, haja vista que na Bíblia Sagrada os dez mandamentos significam obediência a Deus, portanto, um dizer incontestável. Assim, as mulheres deveriam obedecer aos seus maridos, colocados em posição de superioridade, como se eles fossem o ser sagrado dentro da instituição familiar. Nesse jogo, constituem-se efeitos de sentidos de subordinação e de inferiorização da mulher em relação ao homem. Assim, ao discursivizar o sujeito mulher no MUPA, consideramos a história que, no fio do discurso, não como

acontecimento datado, mas como historicidade em sua relação com a exterioridade, o que está fora do intradiscorso, mas significa pelas relações e pelas redes de memória. Como sinalizamos anteriormente, por essas práticas se constitui a exclusão, o silenciamento e a submissão delas em relação à formação social que supervalorizava a figura masculina e, em contrapartida, desvaloriza a feminina.

Destacamos esse silenciamento e acrescentamos: o apagamento que se intensifica quando se trata de mulheres caiçaras, pois este povo é fruto da miscigenação do indígena, português e africano. Conforme Branco (2005, p. 71), “já aqui estavam indígenas, chegaram portugueses, caiçaras se tornaram.” O povo caiçara se constituiu, podemos afirmar, pela violência, tendo em vista que a colonização do Brasil não ocorreu de forma pacífica, mas, sim, pela exploração dos indígenas, da cultura e das terras brasileiras pelo europeu. Os caiçaras, como povo, formaram-se no litoral de São Paulo, Rio de Janeiro e Paraná, nas margens das cidades, locais que ainda habitam. Desse modo, decorre a ilusão de que estarem à beira mar têm significado positivo. Entretanto, as condições de vida desses sujeitos não ocorreram por esses discursos romantizados de que morar em um lugar belo significa vida fácil. (BRANCO, 2005), mas por práticas sociais de exclusão e de desvalorização.

Desde sua origem, os caiçaras trabalharam “de subsistência baseada na pesca, extração de palmitos e alguns frutos silvestres e uma fraca agricultura onde predominavam os roçados de mandioca, milho e arroz.” (BRANCO, 2005, p. 22). Mas, com o avanço econômico e social, a cultura caiçara, bem como outros grupos que são minorias, ficaram à margem do avanço nacional sendo vistos, por alguns sujeitos, como subalternos ao crescimento urbano. Além disso, segundo Branco (2005, p. 21)

Se as condições da vida moderna onde predominam o urbano, o industrial, o tecnológico, levam ao apagamento de traços culturais que ainda no início do século XX constituíam componentes diferenciados da vasta cultura brasileira encarregou-se de traçar um modelo unificado de comportamento para toda a população na medida em que expandiu as instituições de ensino, de saúde, as medidas judiciárias, as infra-estruturas urbanas, e, principalmente, os meios de informações que hoje chegam a todas as famílias de norte a sul do país. A televisão [...] desvenda acontecimentos ocorridos do outro lado do mundo, apresenta um padrão unificado de linguagem, de comportamento social, de costumes e hábitos que acabam por ser adotados como modelo generalizado.

Nesse sentido, a cultura caiçara foi desvalorizada e apagada pela imposição de comportamento social no século XX, pois, como já citado, no século XIX e XX, as mulheres deveriam seguir um comportamento que a sociedade ditava para que a harmonia do corpo social fosse mantida. Diante disso, se na história das mulheres há uma tentativa, pelo modelo imposto e a ser seguido, também legitimado pelas instituições de interdita-las dos espaços públicos, nos referimos ao funcionamento dos

modos de regulação e dominação que se dão pela repetição e naturalização de determinados saberes/discursos. Nosso gesto de interpretação sobre as mulheres, portanto, desvia das rotas lineares, e percorre pelo caminho da não evidência dos sentidos, pensando os equívocos e os deslocamentos das margens, ou seja, no movimento da linguagem na história que constitui o MUPA e os sujeitos mulheres-caiçaras dentro e fora dessa instituição.

3. Entre memória e história: percorrendo pelas margens

“Deslocamentos pela margem”, título da mesa redonda dado pelo MUPA para celebrar o mês das mulheres, faz retornar memórias daquilo que foi e o que é ser mulher em uma sociedade que segregou, pelos discursos opressores, os espaços que elas deveriam ocupar em dadas condições de produção, tornando-se mais grave porque trata de mulheres caiçaras, inseridas em uma cultura distinta daquela de um mundo dito ‘civilizado’. Com essa prática, um discurso autoritário e patriarcal tentou apagar/silenciar a participação feminina no crescimento e modernidade do país. Segundo Branco (2005, p. 23)

Como sempre ocorre em situações semelhantes, o moderno beneficiou-se de um conhecimento organizado em moldes urbanos e afirmou a sua supremacia em relação ao que considerava atrasado e rústico. Esta posição fundamentava a discriminação social dos caiçaras acusados de preguiçosos, ladrões, incultos. Quando tiveram início as grandes produções - banana e arroz, principalmente - os caiçaras passaram a ser colonos reproduzindo a prática do interior com os caipiras. As desigualdades e discriminações sociais e econômicas acentuaram as condições de segregação dos caiçara, antes pertencente a uma comunidade isolada culturalmente, porém unificada no seu todo. Eram agora culturalmente vulneráveis, pois totalmente marginalizados.

A primeira Sequência Discursiva (SD1) selecionada, discursiviza os sujeitos mulheres no espaço do Museu.

SD1



Fonte: Museu Paranaense⁶

A SD1 é uma apresentação, disponível no site do Museu, que discursiviza os sujeitos que fizeram parte das exposições no mês dedicado às mulheres: as bordadeiras e produtoras de cataia. Ao celebrar esse mês, o discurso sobre (comemoração - eixo horizontal) é atravessado pelos discursos de (rememoração- eixo vertical) (VENTURINI, 2009) e, por esse funcionamento da memória discursiva, o discurso linearizado é preenchido por aquilo que não está dito, de que as mulheres foram, pela FD religiosa e médica, significadas como inferior ao homem, mas que ressoa e produz efeitos de sentidos de luta pelo ato comemorativo, uma vez que esse mês, conforme o site⁷ do Ministério da Educação,

O Dia Internacional da Mulher existe, enquanto data comemorativa, como resultado da luta das mulheres por meio de manifestações, greves, comitês etc. Essa mobilização política, ao longo do século XX, deu importância para o 8 de março como um **momento de reflexão e de luta**. A construção dessa data está relacionada a uma sucessão de acontecimentos.

Esses acontecimentos dizem respeito à luta das mulheres na Rússia, em 1917, ano que ocorreu o ciclo revolucionário que tirou do poder a monarquia czarista. As trabalhadoras tecelãs fizeram uma greve, no dia 8 de março, cuja pauta era “a ajuda dos operários do setor de metalurgia. Essa data entrou para a história como um grande feito de mulheres operárias e também como prenúncio da Revolução Bolchevique.” Anterior a isso, em 1910, aconteceu o II Congresso Internacional de Mulheres Socialistas, que recebeu apoio Internacional Comunista. O membro do Partido Comunista Alemão, Clara Zetkin, sinalizou para que se criasse um dia que fosse dedicado às mulheres,

Essa proposta era fruto tanto do feminismo, que ascendia naquela época, quanto das correntes revolucionárias de esquerda, como o comunismo e o anarquismo. Clara Zetkin era engajada com campanhas que defendiam o direito das mulheres no âmbito trabalhista. Sua proposta visava a possibilitar que o movimento operário pudesse dar maior atenção à causa das mulheres trabalhadoras.⁸

Assim, o Dia Internacional da Mulher não significa uma comemoração banal, haja vista que é uma data de suma importância a ser, além de comemorada,

⁶ Disponível em: [Mês da Mulher: bordadeiras e produtoras de cataia estão na programação de março no MUPA | Museu Paranaense](#). Acesso em: 13 abr. 2023.

⁷ Disponível em: <https://www.gov.br/ebserh/pt-br/hosítaiuniversitarios/regiao-nordeste/huab-ufrrn/noticias/8-de-marco-2013-dia-internacional-da-mulher>. Acesso em: 25 abr. 2023.

⁸ Disponível em: <https://www.gov.br/ebserh/pt-br/hosítaiuniversitarios/regiao-nordeste/huab-ufrrn/noticias/8-de-marco-2013-dia-internacional-da-mulher>. Acesso em: 25 abr. 2023.

questionada e refletida, uma vez que, se as mulheres têm direitos hoje, é porque houve batalhas no passado, e isso ressoa no dizer atual no MUPA.

Assim, o MUPA se significa como uma instituição que, no mês da mulher, se preocupa em dar visibilidade às mulheres a partir da produção de exposições que dá voz ao sujeito feminino, significando-as como trabalhadoras no espaço urbano, como é o caso das mulheres produtoras de cataia. Segundo Orlandi (2004, p. 22) “no território urbano, o corpo dos sujeitos e o corpo da cidade formam um, estando o corpo do sujeito atado ao corpo da cidade, de tal modo que o destino de um não se separa do destino de outro.” Na constituição intrínseca entre espaço urbano e sujeito, constitui sentidos e o faz circular além do espaço museológico, como na SD2.

SD2- “O Mês da Mulher será marcado este ano, no Museu Paranaense, por uma programação especial de mesas-redondas e oficinas em diálogo com duas exposições em cartaz no museu: “Ante Ecos e Ocos” e “Nosso Estado: Vento e/em Movimento”. O objetivo das ações é contribuir com a circulação de vozes e vivências das mulheres que protagonizam essas duas mostras com seus saberes e fazeres tradicionais.⁹

Na SD2, o MUPA dá voz ao sujeito mulher e as discursiviza como protagonistas. Esse discurso sinaliza que o Museu tem como finalidade fazer com que as vozes das mulheres sejam ouvidas e, ao colocá-las em circulação, rompe com o discurso da sociedade patriarcal que visava silenciar esse sujeito no espaço público.

Além disso, sublinhamos que o discurso produzido pelo MUPA é atravessado pelo discurso político, isso porque essa instituição é gerenciada pelo Governo do Estado do Paraná, o qual aponta para uma preocupação com os direitos das mulheres. Na página do Governo paranaense, há o Portal “Ame-se”¹⁰, o Portal da Mulher Paranaense. Nessa página, tem 95 leis que garantem os direitos à saúde, à segurança, à inclusão, à cidadania e à assistência social, que combatem práticas discriminatórias e violentas contra as mulheres. Somado a isso, o atual governador do Paraná, Ratinho Júnior, no dia 8 de março de 2022, em um evento no Palácio do Iguazu, afirmou que as mulheres são “prioridade nas políticas públicas do Governo do Estado”.¹¹

Há, portanto, no discurso oficial, uma aparente atenção especial com as mulheres, e o que é discursivizado sobre elas é normatizado. Logo, não se pode apagar o fato de que há, neste sentido, o funcionamento do institucional, daquilo que é legitimado e posto em circulação nos documentos oficiais, (até mesmo no site), numa

⁹ Museu Paranaense: Disponível em: [Mês da Mulher: bordadeiras e produtoras de cataia estão na programação de março no MUPA | Museu Paranaense](#). Acesso em: 29 mar. 2023.

¹⁰ Disponível em: <https://www.ame-se.pr.gov.br>. Acesso em: 14 abr. 2023.

¹¹ Disponível em: [Mulheres são prioridade nas políticas públicas do Governo do Estado, afirma governador | Agência Estadual de Notícias \(aen.pr.gov.br\)](#). Acesso: 14 abr. 2023.

relação para com as práticas efetivas de segurança e proteção às mulheres. Assim, o Estado, em sua organização e gestão, põe em circulação alguns saberes que, legitimados por ele, atestam para a sua eficácia dessas medidas, no entanto, apagam-se outros saberes, outros discursos. Note-se:

Com ações que envolvem a proteção contra a violência de gênero e o incentivo ao protagonismo feminino, as mulheres paranaenses são prioridade nas políticas públicas do Governo do Estado. Em evento no Palácio Iguazu para celebrar o Dia Internacional da Mulher, comemorado nesta terça-feira, 8 de março, o governador Carlos Massa Ratinho Junior destacou as iniciativas voltadas para esse público. São programas nas áreas de habitação, saúde, segurança pública, empreendedorismo, ciência e tecnologia, assistência social e nas diferentes áreas de governo. “Nossa gestão trabalha para fazer as pessoas felizes, e ninguém é feliz sem ter uma casa própria, acesso à saúde, segurança e alimento na mesa”, afirmou o governador.¹²

Assim, o que é dado a ver pelo MUPA está filiado a mesma FD do Governo do Estado e, ao dar voz às mulheres, colocando-as em uma posição de protagonismo, constrói efeitos de sentidos de que as leis institucionalizadas estão funcionando e sendo cumpridas. E, ao discursivizar as mulheres produtoras de cataia, esse protagonismo rompe com discursos que marginalizavam o povo caiçara, como na SD3.

SD3



Fonte: Museu Paranaense¹³

¹² Disponível em: [Mulheres são prioridade nas políticas públicas do Governo do Estado, afirma governador | Agência Estadual de Notícias \(aen.pr.gov.br\)](https://www.aen.pr.gov.br/noticias/mulheres-sao-prioridade-nas-politicas-publicas-do-governo-do-estado-afirma-governador). Acesso: 14 abr. 2023.

¹³ Disponível em: [Mês da Mulher: bordadeiras e produtoras de cataia estão na programação de março no MUPA | Museu Paranaense](https://www.museuparanaense.org.br/mes-da-mulher-bordadeiras-e-produtoras-de-cataia-estao-na-programacao-de-marco-no-mupa): Acesso em: 13 abr. 2023.

As mulheres produtoras de cataia fazem parte da “Associação das Mulheres Produtoras de Cataia da Barra de Ararapira (Guaraqueçaba)”. A cataia é uma planta encontrada no litoral Paranaense que tem fins medicinais e, também, serve para fazer a cachaça artesanal, que é o produto que essas mulheres produzem. A associação é composta por um grupo, segundo o site do MUPA¹⁴, por

Mulheres representadas por Shirlei Pinto, Edina Aparecida Santana, Rosinilda Santana e Janice Martins que são responsáveis pelas etapas elementares da manufatura, desde a extração da matéria-prima na mata até a comercialização da cachaça e das folhas secas.

Além de entrar na mata do litoral paranaense e colher a planta, elas trabalham no processo de produção e venda da cachaça. Desse modo, elas contribuem, economicamente, no seio familiar e na sociedade¹⁵. Ao dar espaço para as mulheres caiçaras, pela produção de discursos que o MUPA coloca em circulação, há uma ruptura com a memória constituída sobre essa cultura que, pela resistência contra o apagamento de sua ancestralidade, resultado do avanço tecnológico com o crescimento do espaço urbano que visava impor um padrão de vida a ser seguido por todos os sujeitos, produziu efeitos de sentidos pejorativos que são discursivizados em muitos dicionários de língua portuguesa, segundo Branco (2005).

Em uma consulta realizada ao dicionário online Priberam¹⁶, a palavra caiçara é significada como:

(tupi *kaa*, mato + tupi *yçara*, estaca, espeque, galho)

Substantivo feminino

1. [Brasil] Cerca de proteção à volta de uma aldeia indígena.
2. [Brasil] Arvoredo morto.
3. [Brasil] Molho de ramos que se deita na água para atrair peixes.
4. [Brasil] Curral ou abrigo tosco.
5. [Brasil] Cobra venenosa.

Substantivo masculino

6. [Brasil, Informal] Indivíduo desonesto ou pouco sério. = MALANDRO, VAGABUNDO.
Substantivo de dois gêneros

¹⁴ Disponível em: [Mês da Mulher: bordadeiras e produtoras de cataia estão na programação de março no MUPA | Museu Paranaense](#). Acesso em: 10 abr. 2023.

¹⁵ Como um exemplo desse funcionamento destacamos a I Feira de Economia Solidária para mulheres caiçaras, que ocorreu em dezembro de 2018. Na feira, houve a participação das artesãs, pescadoras, agricultoras, ceramistas, nessas e entre outras atividades nas cidades de Caraguatatuba e São Sebastião. Mesmo tendo ocorrido em São Paulo, traçamos esse paralelo, pensando como a presença dessas mulheres integra e aumenta a renda familiar, estendendo-se à comunidade, ao grupo, como uma coletividade. São as funções femininas que na cultura caiçara, organizam e são primordiais para a sustentação da família. Disponível em: <https://www.ifspcaraguatatuba.edu.br/noticias/i-feira-de-economia-solidaria-para-mulheres-caicaras>. Acesso em 19 out. 2023.

¹⁶ Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/Cai%C3%A7ara>. Acesso em 19 de abril de 2023.

7. [Brasil: São Paulo] Indivíduo de pouca instrução e modos rústicos, habitante do litoral. = CAIPIRA, MATUTO, SERTANEJO.

Na primeira, segunda, terceira, quarta e quinta definição, o termo *caiçara* não diz respeito ao homem *caiçara*, mas a objetos, tais como, cerca, árvore, molho de ramos, curral e cobra. Entretanto, os sentidos constituídos sobre os *caiçaras*, na sexta e sétima definição, são totalmente pejorativos porque os significa como sujeitos vagabundos, desonestos e malandros, bem como sujeitos sem instruções, ou seja, brutos. Ressaltamos que os sentidos, nas duas últimas definições, foram produzidos no social, “Brasil- Informal” e “Brasil- São Paulo”. A palavra, portanto, tem sentido nas práticas sociais, representando os *caiçaras* como um povo que não tem valor.

Todavia, o discurso pode se repetir ou se romper pelo funcionamento da memória discursiva conforme Orlandi (2002). Se há discursos que circulam e significam os *caiçaras* de forma pejorativa, pelos discursos do MUPA, os sentidos sobre os *caiçaras* são outros, pois a instituição valoriza o trabalho e exalta a mulher e os *caiçaras*, pelo trabalho que desenvolvem como empreendedoras, contrariando o que está discursivizado nas definições do dicionário citado.

4 Pelas margens... Um efeito de fechamento

Movimentar, deslocar, (re)significar. Pela perspectiva da Análise de Discurso, na qual nos inscrevemos, nos permitiu percorrer por caminhos outros, buscando a não evidência dos sentidos, a não transparência da linguagem, mas o que está nas margens e constrói diferentes sentidos.

Assim, analisamos o MUPA em (dis) curso que se movimenta, que se significa, significa a cidade e os sujeitos por aquilo que diz, pela *ordem* da cidade, uma ordem que se refere, como nos ensina Orlandi (2011, p. 694), “o real da cidade, com seus movimentos, sua forma histórica, seu real.” Para observar esse real da cidade na produção dos efeitos de sentidos, amparamos na história das mulheres e na cultura *caiçara*, observando a maneira como os discursos, construídos nas condições de produção dos séculos XIX e XX, os significaram como subjugados por discursos misóginos.

Assim, nosso recorte analítico incidiu sobre a exposição “Nosso Estado: Vento e/em Movimento”, constituída pela mesa redonda “Deslocamentos pela margem”, em que o MUPA discursiviza, em uma data simbólica, a mulher *caiçara* como empreendedora, trabalhadora, protagonista e proporciona a circulação dessas vozes femininas no espaço urbano, mas esses efeitos de sentidos, quando se trata das mulheres e dos *caiçaras*, há uma história de repressão, autoritarismo, apagamento e silenciamento imposto sobre esses sujeitos por diferentes instituições, e que se atravessa e significa no que é dito dentro do museu.

Assim, como a ideologia se materializa em uma FD, logo o museu está filiado à FD do Governo, este que diz priorizar as mulheres na gestão do atual governador, Ratinho Junior, o

qual sustenta essa tomada posição e dos discursos, pela legitimação de leis criadas por ele em sua gestão política para proteger e amparar as mulheres de qualquer tipo de violência e discriminação, bem como leis que dão oportunidade para as mulheres serem inseridas no mercado de trabalho. Os discursos que exaltam as mulheres no social, confrontam a FD machista que se constituiu por diferentes instituições que visaram calar e apagar as mulheres, as mulheres caiçaras e sua cultura no espaço público.

Pelos discursos postos em funcionamento pelo MUPA, na tensão entre a memória e a história, entre o passado e o presente, pelos processos polissêmicos que constituem a memória discursiva, há uma ‘aparente’ ruptura com a repetibilidade dos discursos preconceituosos e discriminatórios contra as mulheres caiçaras. Assim, elas são (re)significadas, produzindo efeitos de sentidos de que a mulher caiçara é um sujeito que luta, resiste e, ao ter voz no Museu, pode e deve ocupar qualquer espaço, nada lhe é restrito.

Entendemos que na discursivização do sujeito mulher caiçara, no/pelo MUPA, há o funcionamento da contradição: no discurso se constituem por efeitos de igualdade, mas essas comemorações e a visibilidade ocorrem somente no “mês da mulher”, instaurando uma espécie de confronto que se realiza nas práticas sociais, fora do museu, e por esse movimento, nos interrogamos até que ponto o discurso oficial do governo se realiza na prática? É preciso romper a obviedade. Afinal, que lugar a mulher ocupa nos outros meses, não postos como “comemorativos” e quem define esses lugares? O evento de comemoração, em sua narratividade, no e pelo museu, mobiliza outros saberes, afeta outros sujeitos mulheres, caiçaras ou não. Inscreve-se, portanto, o sujeito mulher, em outras condições de produção, em outras temporalidades. Para a questão, reservamos outras reflexões, outros caminhos e margens, nos situando como mulheres, também afetadas pelo simbólico e pelo político.

Referências Bibliográficas

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1980.

BRANCO, Alice. *Cultura Caiçara: resgate de um povo*. Peruíbe: Etecê, 2005.

COURTINE, J. Chapéu de Clementis. Observações sobre a memória e esquecimento na enunciação do discurso político. Tradução de Freda Indursky. In: INDURSKY, Freda, FERREIRA, Maria Cristina Leandro (orgs.). *Os múltiplos territórios da análise do discurso*. Porto Alegre: Sagra/Luzzato, p. 15-22, 1999.

GUILHAUMOU, Jacques; MALDIDIER, Denise; ROBIN, Régine. *Discurso e arquivo: experimentações em análise de discurso*. Campinas: Editora Unicamp, 2016.

LACHOVSKI, Marilda; PEREIRA, Clara; PRADO, Paulo. Fazer memória, tecer história: o Museu do Holocausto entre a saturação e a falta. In: VENTURINI, Maria Cleci; TEIXEIRA, Maria Claudia; TAFURI, Leandro. *Museus, arquivos, patrimônios, e espaço urbano em (dis)curso*. Campinas: Pontes Editores, 2022. p. 55-68.

ORLANDI, Eni. *Cidade dos sentidos*. Campinas, SP: Pontes, 2004.

ORLANDI, Eni. *Análise de Discurso: princípios & procedimentos*. 12. ed. Campinas: Pontes, 2002.

ORLANDI, Eni. *A casa e a rua: uma relação político-social*. *Educação e Realidade*, v. 36, p. 693-703, 2011. Disponível em: <
<http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/18491/14348>>. Acesso em: 13 abr. 2023.

PÊCHEUX, Michel. (1969). *Análise Automática do Discurso*. Trad. Eni P. Orlandi; Greciely Costa. Campinas, SP: Pontes, 2019.

PÊCHEUX, M. Papel da memória. In: ACHARD, P. et al. (orgs.). *Papel da memória*. Tradução e introdução José Horta Nunes. 4. ed. Campinas: Pontes Editores, 1999. p. 49-58.

PÊCHEUX, Michel. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, Eni P. (org). *Gestos de Leitura: da história no discurso*. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2014. p. 57 - 67.

PEDRO, Joana Maria. Mulheres do Sul. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997. p. 232-269

VENTURINI, Maria Cleci. Museus em (dis)curso na/por uma história de ‘nunca acabar’. In: VENTURINI, Maria Cleci; RASIA, Gesualda dos Santos. *Museus, arquivos e discursos: funcionamentos e efeitos da língua, da memória e da história*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020b. p. 21-36.

VENTURINI, Maria Cleci. *Imaginário urbano: espaço de rememoração/comemoração*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2009.



“Displacements by the margin”: the functioning of memory and the effects of meanings produced in/by the paranaense museum on women

ABSTRACT: The museum, by common sense, is meant as a place that houses the past through memories that regulate the present. However, from the perspective of Discourse Analysis, we understand the museum as a place where discursive memory works, which is not social or psychological memory, but which produces effects of meaning and resonates in the present and, therefore, signifies the city and the subjects enrolled in this space. From this, in this article, we chose the Museu Paranaense to understand how this place of memory constitutes meanings about the subject-woman in the urban space. We take as an observatory the exhibition “Our state: Wind and/in Motion” which includes the round table entitled “Displacements along the margin”. This sample is part of the celebrations of International Women's Day. It is an exhibition of the women members of the Association of Women Producers of Cataia da Barra de Arapira (Guaçu). The question to be answered is: how is the subject woman constituted and given meaning, by the functioning of memory, by/in the Museum in the urban space?

KEYWORDS:

speech;
memory;
museum;
women.